

O espetáculo da escola em movimento: conversas sensíveis, temas invisibilizados e corpos pulsantes

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v11i20.45787>

Patricia Gama Temporim Cansi¹

Maria Inês Rocha de Sá²

Resumo: Este artigo trata-se de um recorte na pesquisa de Mestrado em Educação (CANSI, 2019), centrada na perspectiva dos Estudos com os Cotidianos e referenciada, principalmente, nos trabalhos acadêmicos de Nilda Alves (2015; 2017), Nívea Andrade (2011) e Michel de Certeau (2014). A pesquisa foi realizada com um grupo de dança de uma Escola Municipal, no estado do Espírito Santo, no Brasil, adotando como metodologia *conversas* com os praticantes do grupo, com a intenção de analisar os movimentos plurais de artes e/ou inventividades presentes na escola. As conversas permitem perceber as potencialidades existentes nos processos de *'teoriapráticateoria'* e os caminhos incertos e potentes produzidos nesses encontros. Portanto, este artigo discute os conhecimentos em redes que ocorrem nas práticas de *'aprenderensinar'* tecidas na escola, como a proposta de contribuir para o campo da educação, em busca de uma reflexão sobre a possibilidade do currículo em rede como um "caminho possível" (ANDRADE, 2014) dentro da escola.

Palavras-chave: Currículos em redes; corpos em movimento; conversas.

El espectáculo de la escuela en movimiento: conversaciones sensibles, temas invisibles y cuerpos palpitanes

Resumen: Este artículo es un extracto de la investigación del Máster en Educación (CANSI, 2019), centrado en la perspectiva de los Estudios con la Vida Cotidiana y referenciado principalmente en los trabajos académicos de Nilda Alves (2015; 2017), Nívea Andrade (2011) y Michel de Certeau (2014). La investigación se realizó con un grupo de danza de una Escuela Municipal, en el estado de Espírito Santo, en Brasil, adoptando como metodología *conversaciones* con los practicantes del grupo para un análisis de los movimientos plurales de las artes y de las creaciones presentes en la escuela. Las *conversaciones* nos permiten percibir las potencialidades existentes en los procesos de *'teoriapráticateoria'* y los caminos inciertos y potentes que se producen en estos encuentros. Por lo tanto, este artículo analiza el conocimiento en redes que se pasa en las prácticas de *'aprender/enseñar'* tejidas en la escuela, con la propuesta de contribuir al campo de la educación, en

¹Patricia Gama TemporimCansi. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense em 2019. Pedagoga efetiva da Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim-ES, Brasil. E-mail: patriciagamatemporim@hotmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-1795-7453>

² Maria Inês Rocha de Sá. Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro em 2013 e professora do Colégio Pedro II, Campus Humaitá I/RJ, Brasil. E-mail: ines.rdsa@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-4593-9751>

Texto recebido em 06/09/2020, aceito para publicação em 12/10/2020 e disponibilizado online em 01/03/2021.

busca de una reflexión sobre la posibilidad del plan de estudios en red como un “camino posible” (ANDRADE, 2014) en la escuela.

Palabras clave: Plan de estudios en red; cuerpos en movimiento; conversaciones.

The school show in movement: sensitive conversations, invisible themes and pulsing bodies

Abstract: This article is a clipping of the research done during the masters research (CANSI, 2019) focused on the perspective of studies of everyday life and mainly referred in the works of Nilda Alves (2015; 2017) Nívea Andrade (2011) and Michel de Certeau (2014). The research was done with a dance group from a public county school from the State of Espírito Santo, Brazil, adopting as methodology *conversations* with the participants from this group. It raised attention to the plurality in the art movements and/or in the inventiveness present in the school. These *conversations* allow us to notice potentialities found in the process of ‘*theorypractisetheory*’ and in the uncertainty and potent paths built in these meetings. Thus, this article discusses about the knowledge in net that occurs in the practice of ‘*teachinglearning*’ weaved in the school, with the proposal to contribute to the field of education, in search of a reflection on possibility of networks curriculums as a “possible way” (ANDRADE, 2014) in the school.

Keywords: Networks curriculums; body in movement; conversations.

O espetáculo da escola em movimento: conversas sensíveis, temas invisibilizados e corpos pulsantes

Introdução

Este texto é um recorte da pesquisa de Mestrado em Educação defendida na Faculdade de Educação da UFF³/RJ (CANSI, 2019) e realizada com o grupo de dança de uma escola pública no estado do Espírito Santo, no Brasil. Pretendemos tratar as narrativas produzidas a partir dos encontros com esse grupo de dança e marcar a importância do reconhecimento dos fluxos das redes de conhecimento dentro da escola,

ressaltando-os como “caminhos possíveis” (ANDRADE, 2014) para as vivências na escola. As narrativas dos encontros com o grupo de dança trouxeram a potência de temas geralmente invisibilizados no contexto escolar como: preconceito, *bullying*, gordofobia, xenofobia, racismo e poder e é esse poder que nós evidenciamos neste texto.

O desenho metodológico da pesquisa se consolidou em *conversas*, na perspectiva de Nilda Alves (2015; 2017) e do cineasta Eduardo Coutinho (2008). Essas redes de conversa,

³ Universidade Federal Fluminense – UFF.

'teoriapráticateoria'⁴ se produziram também com os estudos e pesquisas das autoras, como Regina Leite Garcia (2003) e Nívea Andrade (2011; 2014). Seguia, especialmente, nos pensamentos de Michel de Certeau (2014), e no diálogo com *bell hooks*⁵ (2017), Azoilda Trindade (2008; 2010), Espinosa (2015), entre outros.

Com este texto, nos propomos a contribuir para o campo da educação, refletindo sobre as possibilidades de propostas de trabalho através dos currículos em redes, observando as riquezas que acontecem nas escolas. Assinalamos, tal como Ailton Krenak (2019), um "paraquedas colorido" para despertar atenção aos movimentos plurais de artes e/ou inventividades, referente ao que acontece nas escolas.

Encontro com o grupo e com as pesquisas com os cotidianos

*Vou lhe contar uma história
com começo, meio e fim,
de um caso acontecido*

⁴ Nota do Editor: alguns termos aparecem propositalmente grafados juntos, denotando seu sentido articulado e interdependente.

⁵ Nota do Editor: o pseudônimo da autora bell hooks aparece grafado em minúscula tal como argumentado pela própria autora, de modo a dar destaque ao conteúdo de suas escritas e não à sua pessoa.

na cidade de Hamelin!⁶

Sempre fui destaque nas apresentações. Gravei todas as frases do prefeito do "Flautista misterioso". Era bem difícil, pois a adaptação era em forma de cordel. O grupo me oportunizou a vivência com a arte (Conversa com Marcelo⁷, ex-componente do grupo de dança).⁸

Ao narrar sua experiência, o ex-componente do grupo de dança e também ex-estudante da escola foi pontual: "aquela foi a melhor época da minha vida!". Essa narrativa imprime significados sobre a potência dos encontros no espaço da escola.

Um grupo de dança que iniciou sua trajetória no início dos anos 2000, dentro de uma Escola Municipal⁹, no estado do Espírito Santo e que conserva estudantes que fizeram parte da formação inicial do grupo até hoje, quase vinte anos depois, como

⁶ Texto do espetáculo de dança, uma adaptação do livro "O flautista misterioso e os ratos de Hamelin", recontada em cordel, por Bráulio Tavares, publicado em 2009. Este livro foi baseado na história "O Flautista de Hamelin", recolhida pelos irmãos Grimm e pelo poeta Robert Browning no século XIX.

⁷ Todos os nomes dos estudantes e integrantes do grupo de dança citados neste texto são fictícios.

⁸ Relato de Marcelo, ex-componente o grupo de dança, em uma conversa com pesquisadora em 15/01/2018.

⁹ Optamos por não fazer referência à escola e ao nome do grupo, como forma de preservar os nomes de estudantes e professores envolvidos.

componentes e atuantes na produção técnica de novos espetáculos. Essa permanência, nos diz dos vínculos formados nesse grupo e dos encontros que nele aconteceram e ainda acontecem. Um grupo que produz peças teatrais, musicais, que produz Arte com o corpo, produz movimento.

A pesquisa aqui em recorte se propôs a dialogar na perspectiva dos cotidianos escolares. Pesquisar com os cotidianos é uma proposta de potencializar as riquezas que existem na escola, é ter sensibilidade para enxergar ações simples ou quase invisíveis que ocorrem com estudantes e professores no contexto escolar. Esse movimento de entender os sentidos que circulam na escola nos provoca a pensar sobre as formas das redes de conhecimento produzidas nesse espaço.

Assim, pensar com os cotidianos é um ato político, desafiador, inseparável de sentidos e apontamentos no campo educacional. Cotidianos pesquisados formam movimentos plurais, feitos com e por pessoas, com vidas que produzem conhecimentos e sentidos na escola.

Acreditar na conversa como campo metodológico para caminhar

com os cotidianos escolares é assumir uma metodologia que se constitui no encontro com as potencialidades, os desafios e as dobras invisíveis das pessoas e na educação. Por que as conversas são flexíveis, podem mudar a qualquer momento, levam a novos caminhos e possibilitam uma aproximação com o outro.

Assim como nos ensina Eduardo Coutinho (2008), todas as vezes que assistimos a seus filmes-documentários e lemos seus registros sobre os sentidos produzidos em uma conversa, neste texto a conversa é um atravessamento, uma produção de redes conectadas a pensamentos em que forma e sou formada por redes em que vivemos, trazendo a dimensão de um compartilhamento de sentidos e possibilidades socializantes, para Certeau (2014) a arte de conversar se produz na seguinte maneira:

as retóricas da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. (CERTEAU, 2014, p. 34)

Deste modo, as conversas com o grupo de dança provocaram situações inesperadas, enrique-

cedoras, surpreendentes. As dúvidas tornaram-se companheiras e outras diversas possibilidades foram encontradas, como a compreensão de que o grupo de dança é um complexo artístico que envolve dança, música, teatro e muitas discussões temáticas que se desdobram às salas de aula da escola.

Ao longo dos anos o grupo de estudantes consolidou-se em uma rede de amizade e companheirismo, produzindo a partir dos textos dos espetáculos, um movimento extremamente mergulhado nos conhecimentos em redes. Não fixando as intenções no currículo escolar e sim nos interesses e desejos dos jovens que participam do grupo. Como definido pela professora Nívea Andrade, ao estudar os currículos em redes:

Os currículos não como documentos que ditam os conteúdos e os parâmetros do processo de '*ensinoaprendizagem*', mas uma composição de redes de conhecimentos e de significações necessárias para o desenvolvimento das diversas subjetividades que nos compõem. Rede porque não é linear e não parte de um ponto específico basilar. (ANDRADE, 2011, p. 16).

O movimento de conhecimentos em redes se distancia de classificações ou hierarquizações

entre os conteúdos do currículo. A partir dos textos, músicas, danças e encenações dos espetáculos, assuntos normalmente invisibilizados são narrados pelos componentes do grupo e tomam proporção de protagonismo pela emergência dessas discussões. Alves (2002, p. 119) nos faz refletir:

[..] ao contrário do que as falas oficiais vêm fazendo – desqualificar a escola, seus profissionais, seus alunos – deveríamos buscar entender por que caminhos (linhas de força) as novas tecnologias e os novos conhecimentos estão entrando na escola, o que a escola faz com isso e o que cria a partir daí.

Nesse sentido, assuntos como racismo, xenofobia, discriminação e gordofobia se constituem em abordagens para as produções musicais do grupo e que não se isolam, mas conduzem a novas problematizações e tecem outros conhecimentos entre os componentes do grupo de dança. Isto é, os textos dos espetáculos com essas temáticas são estudados, analisados e apresentados, tecendo, assim, discussões necessárias entre os jovens do grupo, produzindo novos conhecimentos e significações, nem sempre reconhecidos como essenciais na constituição da vida humana e

estudantil. Temas tão silenciados e que foram abordados nos espetáculos do grupo trazendo à tona conversas sensíveis e reveladoras, constitutivas da subjetividade do grupo. Nesse contexto, lembramos do texto “Atravessando fronteiras e descobrindo (mais uma vez) a complexidade do mundo” das professoras Regina Leite Garcia e Nilda Alves (2002, p. 86):

Se o mundo é cheio de conhecimentos, de toda ordem e origem e que nos aparecem sob múltiplas formas, nem todos eles estão na escola, quer dizer, alguém (aqueles que têm poder) faz a escolha dos conhecimentos que vão estar na escola e que nela devem ser ensinados. Ou seja, há a seleção daqueles conhecimentos que na escola serão chamados conteúdos pedagógicos e que todos deverão aprender. Isto nos leva a reconhecer que outros conhecimentos tiveram a sua entrada proibida na escola pelo menos oficialmente.

Essa forma do grupo viver na escola se apresenta astuciosa, articulada, politizada, inesperada, não autorizada e traz à tona a riqueza de pensar sobre as redes de conhecimentos e como ela se reinventa e se desdobra cotidianamente. E não deixa de se configurar como Andrade (2011), inspirada em Certeau, propõe acerca dos usos dos espaços escolares “há

sempre uma manobra, uma astúcia que permite sobreviver nos cotidianos, e neles criar outras formas de usos, de consumos e ideias, diferentes das que são impostas” (ANDRADE, 2011, p. 32). Dito de outra maneira, é pensar nos “procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades” (CERTEAU, 2014, p. 40) em uma discussão provocativa e desconcertante que desconstrói a clássica hierarquização de conhecimentos trabalhados pela escola.

Redes de conhecimento na escola

Nos encontros com os praticantes, que estão dentro da escola, temas como alteridade, diferença, cuidado, afeto, ou seja, uma cultura de respeito à coletividade, em um projeto democrático que está na prática de vida dos estudantes na escola, constituem os currículos em redes. Currículos vividos pelo grupo, tratados nas conversas, assuntos sobre a escola, sobre os cotidianos e a vida no grupo dos estudantes.

A pesquisa teve como proposta algumas conversas iniciais com os estudantes da escola que também faziam parte do grupo de dança, como por exemplo: Quais motivos levam

esse grupo a demonstrar tanto envolvimento nos ensaios e apresentações? O motivo pelo qual ex-estudantes não conseguem deixar o grupo de dança? O que atrai estudantes de outras instituições¹⁰ para solicitarem acesso a esse corpo de dança?

Conversas que buscaram perceber os movimentos presentes no cotidiano, como nos estimula Garcia (2003, p. 204): "Mergulhar na prática com @s prático@s, descobrir a riqueza da teoria em movimento que se atualiza nos cotidianos, enriquecida pelo que a cada dia se revela como novo. O cotidiano, portanto, é um rico espaço de construção de conhecimentos."

Pensar as relações produzidas em um espaço onde os conhecimentos vão além do preestabelecido pela força da lei: Quais sentidos são produzidos nas relações entre os estudantes que tornam a sociabilidade seu currículo escolar? Haveria melhor maneira para trabalhar com os estudantes a alteridade e a emancipação do que nesse campo de relações? Nessa perspectiva de

visibilizar uma narrativa das potências desse espaço – escola – como um lugar para enunciação do conhecimento e seus sentidos, é necessário afinar o olhar, amplificar a escuta para essa complexidade.

Krenak (2019) nos provoca a pensar nas quedas da humanidade ao longo da história como inevitáveis, abismos já postos. Como as guerras, as cisões entre países, a própria destruição do planeta pelo ser humano, porém ele nos convoca a criarmos "paraquedas coloridos" para que possamos viver com prazer aqui na Terra.

Os paraquedas são possibilidades de saída, podem ser como sonhos que nos abrem "para outras visões da vida não limitada" (KRENAK, 2019, p. 66). Aqui, também estamos fazendo uma provocação às nossas leitoras e leitores: Por que a escola tem medo daquilo que está fora da grade curricular? Por que não evidenciamos os fluxos das redes de conhecimento constituídas dentro da escola?

Na perspectiva deste texto, o grupo de dança subverte o movimento, quase "esquizofrênico" da escola e cria "*paraquedas coloridos*" com os seus espetáculos, com as suas discussões,

¹⁰ De outras escolas públicas, de escolas particulares e de faculdades.

significam os currículos e marcam profundamente suas subjetividades, como dito pelo ex-estudante, que encenou o *Flautista misterioso*: a melhor época da minha vida!

O intenso movimento vivido no currículo em redes transcende as prescrições curriculares, como afirma Andrade (2011) que “os currículos existentes nas escolas se configuram como um conjunto infinito de conhecimentos e significações que se localizam em ‘*espaçotempos*’ de fronteiras de saberes e experimentações culturais” (p. 143).

Nesse sentido, Andrade (2014) nos ajuda a compreender melhor sobre redes de conhecimentos:

Dialogando com o pensamento de Michel de Certeau, a noção de conhecimentos em redes nos mostra que os processos de aprender e ensinar fazem parte de um mesmo movimento e só existem na relação entre as pessoas, sempre em mão dupla, sempre na relação entre os processos culturais. Os conhecimentos são, portanto, tecidos em várias mãos. Por isso, falamos que *aprender ensinamos* em diferentes *espaçotempos*, portanto, em redes com fluxos permanentes e sem lugares de origem e de destino de um conhecimento seja ele materializado em um livro, ou pintura, seja ele configurado como uma prática ou um modo de pensar. (ANDRADE, 2014, p. 28).

A sociabilidade que compõe as relações no grupo é evidenciada em caminhos que buscam composição de aprendizados com a vida. Com os musicais, os participantes são convocados a vivenciar experiências com o corpo, por meio da música, com os pares, na medida em que se relacionam em grupo, além de discutirem assuntos tratados nos textos e assim tecerem posicionamentos e produzirem novas aprendizagens.

Nívea Andrade nos provoca – a inventar um *paraquedas colorido* – com uma perspectiva de levar à escola vários percursos, caminhando e tecendo redes de conhecimento,

Uma escola perambulante não tem percursos pré-estabelecidos, pois ela acompanha as demandas e curiosidades do viajante. Por outro lado, esta escola perambulante não se movimenta apenas pelas redes do viajante, já que ela é permanentemente móvel e lhe apresenta novos caminhos a todo instante. Há sempre novas curvas e outras pinceladas que indicam outros percursos. Quando se encontra um caminho, esta escola perambulante busca evidenciar que há outros caminhos possíveis, que há sempre outros percursos, outros conhecimentos e sentidos possíveis. (ANDRADE, 2014, p. 28).

Na busca de outros caminhos possíveis, a força das produções autorais protagonizadas pela

juventude, fortalece estudantes criativos e autônomos. O grupo de dança se expandiu. Passou a se apresentar em teatros, festas, academias e a receber jovens que não eram estudantes da escola municipal e em 2018, o grupo se desvinculou da rede municipal de ensino e constituiu organização independente.

Corpos pulsantes, movimento na escola

Temos mudanças! E vocês serão obrigados a se adaptar! Esse espaço aqui na escola chama-se detenção (apresenta a sala), agora são 07:06... Vocês têm exatamente até 7h e 54 min para pensar por que estão aqui e o que fizeram de errado. Ficarão sem conversar, sem se mexer, nem se levantar... (Texto da personagem, esposa do diretor, no espetáculo "Brasil").¹¹

Nessa advertência da personagem da esposa do diretor, no musical "Brasil", apontando para os personagens-estudantes em cena, demonstra uma visão distanciada do respeito, dos direitos, da democracia, das redes de conhecimentos, das inventividades, da coletividade e da cooperação, esse fragmento de um musical mostrou que a escola de

dança (onde as cenas se passavam) virou um palco de batalhas entre o bem coletivo e o jogo de interesses pessoais.

Na tensão da disputa pelo poder, os estudantes, ao longo do musical, apresentam coreografias e textos que remetem a lutas, burlam a "detenção" e combatem o racismo. Fazem também uma crônica da política nacional, refletida em sua vida cotidiana. Fazem redes que rompem a dicotomia entre uma macro e micropolítica.

Nas conversas com o grupo, sobre a atitude da personagem da esposa do diretor, os estudantes incansáveis, rememorando a apresentação, disseram:

teve uma cena muito forte, foi quando a vilã, a esposa do novo diretor, apontou o dedo para um dos alunos, olhando nos olhos. Ela quase chamou um menino de preto, como xingamento. Mas foi interrompida pelo antigo diretor da escola! (Conversa com três componentes do grupo de dança).¹²

Na conversa com a pesquisadora uma estudante completou: *"Tem muita gente que*

¹¹ Recorte do diálogo entre a personagem da esposa do diretor e os personagens-estudantes, em uma cena do musical "Brasil".

¹² Recorte de uma das conversas entre componentes do grupo de dança e a pesquisadora, em 18/06/2018.

*sofre bullying na escola!*¹³

Provocada pela conversa do grupo, uma outra estudante, quebrou o seu silenciamento. Suspirou e disse: *Foi assim...*¹⁴ A estudante iniciou seu relato, mas não suportou, parou de falar e chorou, chorou muito. Trindade (2010), alerta-nos, preocupantemente, quanto à postura dos educadores:

Infelizmente, ainda há muita insensibilidade para com as crianças negras. Estas, ao serem discriminadas, ficam acuadas, envergonhadas, inibidas em denunciar. Professores e professoras, acreditem, a criança pode não saber expressar oralmente a discriminação, mas ela sente, sofre, seu corpo fica marcado, com a discriminação e com a omissão, com o silêncio conivente, com a falta de acolhida do adulto que ela tem como referência no momento (TRINDADE, 2010, p. 32).

O engasgo da estudante apresentou toda sensibilidade de uma menina que sofre com preconceitos. Aquela imagem não era cena, não era ficção, era real. É preciso ter atenção ao que nos passa, ao que nos acontece. As pesquisas com os cotidianos não apresentam roteiros ou manuais para lidar com situações que ardem na pele todos os dias das

pessoas. Para Garcia (2003, p. 193), o cotidiano assusta, dá medo, intriga e fascina.

Em outro momento, Felipe, componente do grupo, também diante da cena da esposa do diretor, colocou: *“fiquei puto de verdade, nos ensaios, nas apresentações [...] Era complicado*¹⁵. E nesse momento ele rememorou o musical do filme *“Hairspray – Em busca da Fama”*¹⁶, de Adam Shankman, encenado pelo grupo no ano de 2017. No filme, Tracy Turnblad, a personagem principal, consegue destaque no musical da televisão que se passa na década de 1960 rompendo com padrões de beleza da época. A luta de Tracy se encontra com a luta do povo negro nos Estados Unidos da América. Os negros buscavam equidade aos brancos nas apresentações do programa televisivo.

Nessa conversa sobre a proposta do musical com a questão racial e da estética corporal, as respostas do grupo se dividiram:

ser gordo é complicado pelo julgamento, as pessoas olham e falam: vai pra academia, vai fazer dieta... também, vive comendo!

¹³ Conversa entre pesquisadora e a componente Aline, em 18/06/2018.

¹⁴ Conversa entre pesquisadora e a componente Luana, em 18/06/2018.

¹⁵ Afirmação de Felipe, em conversa com a pesquisadora, dia 18/06/2018.

¹⁶ A montagem do musical *Hairspray* foi baseada no filme *“Hairspray – Em busca da fama”* de Adam Shankman.

Olham com desprezo; já a questão da cor, não tem jeito, não tem como mudar (Conversa com Aline).¹⁷

A personagem principal, Tracy, que não era considerada apta a ser bailarina devido à sua forma física, superou essa discriminação e ainda apoiou e lutou junto a um grupo de jovens bailarinos negros para que estes se apresentassem na televisão. A temática de romper duplamente as discriminações, na sociedade norte-americana, provoca nos estudantes aprendizagens e conhecimentos que se fazem necessários ainda nos dias atuais.

Ainda conversando sobre as formas de discriminação, Luana manifestou sua opinião sobre a temática do espetáculo:

Racismo e gordofobia são assuntos que precisam ser falados na escola, e muito! As pessoas não sofrem discriminação só porque é gordinho, sofrem discriminação por tudo: se é magrinho, baixo, alto, gordão, negro ou "leitinho", branquinho demais! As pessoas precisam parar com isso! Isso é muito ruim! As pessoas sofrem em todo lugar, nas escolas, no bairro... Eu mesma já sofri racismo e sei como é! (Conversa com Luana)¹⁸

No final das apresentações,

¹⁷ Conversa entre Aline, bailarina do grupo e a pesquisadora, em 18/06/2018.

¹⁸ Conversa entre Luana, bailarina do grupo e a pesquisadora, em 18/06/2018.

uma estudante, que viveu a protagonista do espetáculo, revelou que não tinha intenção de emagrecer, por ser essa uma imposição estética. Estabelecer conversas sobre a imposição de padrões de beleza e a discriminação racial, situações que ocorrem todos os dias nas escolas, manifesta o empenho e envolvimento nas causas que não pertencem apenas a uma pessoa, mas sim ao coletivo. Em busca de práticas democráticas, esses textos e espetáculos consolidam a importância do trabalho com as redes estabelecidas.

O movimento de amizade, companheirismo e cuidado de uns para com os outros se estende para fora da escola. Dessa maneira, a concepção '*prácticateoriaprática*' não é representada somente nas palavras escritas juntas em itálico como uma proposição diferenciada no campo das pesquisas com os cotidianos, mas sim um movimento que acontece diariamente na escola e que não é dado como "importante" no campo do conhecimento. Incluímos aqui a forma com que Alves (2015) destaca esse pensamento:

estamos lutando permanentemente contra o esquecimento, já que elas

(as pesquisas complexas com os cotidianos) e seus praticantes são tão pouco importantes que não se percebem e não são percebidas como informantes indispensáveis porque criadores de conhecimentos necessários à vida. (ALVES, 2015, p. 139).

O grupo traz para a conversa, os praticantes, os conhecimentos vividos em seus corpos, na sua pele, na sua dor. E quem os assiste, seu público, é capaz de comentar, de forma casual e despretensiosa, durante o espetáculo "Deixa isso pra lá", performance artística ao som de *funk* remixado com a música de Jair Rodrigues, a professora Laura¹⁹ expõe sua percepção sobre os corpos:

achei um absurdo aquela dança. Mexe com o corpo todo. Fala para o grupo não mexer com o corpo, por favor! Deixa o corpo em paz! O corpo tem que ficar quieto! (Comentário de Laura).



Figura 11: menos cenário, mais corpo - espetáculo "Deixa isso pra lá"

Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Cansi.

A questão da dissociabilidade da aprendizagem entre corpo e mente, historicamente produzida no modelo hegemônico é visivelmente colocada pela professora Laura na fala anteriormente destacada. Como se corpos quietos e dóceis fossem o único jeito para uma aprendizagem de forma ordenada, planejada e desejada, acreditando-se que com essa quietude a capacidade de aprendizagem fosse alcançada de maneira plena. Nesse caminho, o corpo fica impedido de experimentar as possibilidades de aprendizagem.

Em uma outra situação, por exemplo, quando uma bailarina do grupo afirma para sua mãe que mesmo sentindo dor da cãibra, após seis horas de ensaio, precisava ensaiar no dia seguinte, a estudante indica que existe um desejo maior em estar com o grupo, mesmo sentindo dores em seu corpo. Ou como o vivido por outra componente, que levou os movimentos que aprendeu com o grupo de dança para seus estudos do Direito: a marcação de palco, a desenvoltura com o corpo nos gestos, voz, respiração, olhares.

O apontamento ríspido e

¹⁹ Nome ficcional da professora.

desesperado da professora Laura se apresenta como um grito contra a subversividade de jovens que ousam em aprender de outras maneiras. Isso é, aprender com o corpo e a mente de maneira associada.

Nesse sentido, *Baruch* de Espinosa, filósofo holandês do século XVII, aponta-nos a seguinte proposição: “Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente pode determinar o corpo ao movimento. A mente e o corpo são uma só e a mesma coisa que é concebida ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão” (2015, EIII, P. II, p. 241). Reflexão expressa por um dos líderes do grupo: *dançar não é o que eles fazem, é quem eles são*²⁰. Dito de outra forma, corpos que estudam, são os mesmos corpos que dançam.

Inspirada nos estudos de Espinosa, a professora Paola Zordan (2013) aborda os corpos e os afetos em uma proposta relacional:

Como aglomeração infinda de partes que pertencem ao mundo extenso, um corpo reúne incontáveis partículas que se movimentam de modos diversos, estabelecendo formas e funções, ordens de composição e decomposição que

afetam toda a natureza e que o instauram enquanto relação. Composto de partes individuadas, que constituem desde grandes superfícies, reuniões de corpos distintos que apresentam dimensões que variam do imensurável tamanho do universo até partes corpóreas invisíveis e infinitesimais, não existe corpo que não esteja afetando e sendo afetado, ou seja, corpos só existem em relação. (ZORDAN, 2013, p. 182).

A busca pelo controle dos corpos na escola, nos ‘*espaçotempos*’ é como se fosse uma garantia da ordem. “Muitos de nós aceitamos a noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente. Credo nisso, as pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo” (*hooks*, 2017, p. 253).

Assim, Trindade (2008) nos alerta:

O cotidiano escolar é complexo, sobretudo ao pensá-lo na perspectiva da diferença; afinal, fomos formados como docentes tendo como raízes uma visão universalista e convergente do pensamento humano. Nós nos iludimos com unanimidade, com respostas únicas, presentes únicos, tempos únicos, imagens padronizadas que representam os alunos ideais, provas objetivas, o discurso da normalidade, da ordem, da evolução, do progresso, do desenvolvimento evolutivo, da família estruturada num padrão que não corresponde à diversidade de organizações familiares existentes. Muitos de nós fomos formados na perspectiva de que educação, escola era para moldar os alunos, controlar,

²⁰ Conversa entre um dos líderes do grupo com a pesquisadora, em 24/11/2018.

preparar para a vida (Estranho, não? O que acontece no aqui - agora do cotidiano não é vida?), dar aula, ou preencher o ser vazio com o conhecimento acumulado pela humanidade e socialmente valorizado, ou permitir que este conhecimento preexistente neste aluno possa se desenvolver, se expandir com a intervenção do professor. Uma formação na qual o controle parece ser uma das palavras-chave. (TRINDADE, 2008, p. 13).

Os próprios meninos e meninas grupo de dança saberiam responder àquela professora. Certa vez, em uma roda de conversa, uma estudante que compõe o grupo de dança narrou que foi parar na coordenação da escola porque sambou em sala de aula, quando acertou uma atividade proposta pela professora. A professora não quis ouvir a justificativa da estudante, foi enfática *vai sambar na coordenação*²¹, disse. De outro modo, a professora revelou que a sala de aula é um espaço de ordem institucional onde a alegria é irresponsável e se aproxima de desrespeito ou deboche.

Dentro de padrões de muitas escolas, o corpo não pode falar, é necessário conter e distanciar a alegria. Com a dança, o grupo exercita

uma subversão, tornando-se um espaço de produção de vida alegre, onde é possível se movimentar, sorrir, gargalhar, compartilhar ideias e coreografias, entendendo que, coletivamente, a vida fica mais leve. Assim, Espinosa explica: "O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, e também de outras que não tornam sua potência de agir nem maior nem menor" (2015, EIII, 1 post. p. 237). No grupo, quanto mais os componentes se sentem alegres na companhia uns dos outros, mais adquirem potência na criatividade e na imaginação ante as produções dos musicais.

Nessa conversa, Bruno²² disse que as pessoas se incomodam com o envolvimento dele com o grupo de dança:

*... se estou com dor de cabeça, falam: mas também, você não para de dançar, se estou com dor no corpo, mas também você não para de dançar. As pessoas não percebem que o grupo não é só a dança, são as amizades, a alegria, às vezes, estamos com problemas e é no grupo que encontramos apoio dos amigos (Conversa com Bruno)*²³.

Em tempos ríspidos e cruéis, a

²¹ Fala de Carol, componente do grupo em conversa com a pesquisadora, em 18/06/2018.

²² Nome ficcional de um dos bailarinos.

²³ Relato de Bruno e a pesquisadora em conversa no dia 18/06/2020.

escola pode ser um espaço acolhedor e propositor de relações mais humanas e solidárias.

Último ato

Por mais que ao final de um texto esperam-se arremates, fechamentos e conclusões, anunciamos aqui “caminhos possíveis”. Trazemos, novamente, a provocação posta neste artigo – é preciso valorizar os fluxos das redes de conhecimento constituídas dentro da escola e convocamos todos nós, educadores, a pensar que um movimento imbricado nas ações cotidianas deve superar a lógica da separação dos conhecimentos entre vida e escola.

Neste artigo, as redes existentes no grupo de dança, estão tecidas como no musical “*Hairspray* - em busca da fama” ou como no espetáculo “Brasil” e no “Deixa isso pra lá²⁴”. Gordofobia e racismo são os temas principais de discussão do musical, tal como xenofobia e diferenças culturais foram temas do outro espetáculo. Diante da imensidão de proposições, diálogos, inquietações

sobre o texto do musical, não há como controlar o que foi ensinado ou aprendido pelas/pelos estudantes e sim entender que foram inúmeros ‘aprendizadosensinos’ com essas experiências.

Compreender que o discurso de uma “cultura de paz”, impresso no Projeto Político Pedagógico de uma escola, por exemplo, também está nas ações que despertam conhecimentos contra as formas de preconceito sociais, racistas, sexistas, homofóbicos, gordobóicos, entre muitos outros. Sem problematizar esses temas, transforma-se a expressão cultura de paz em um significativo vazio. Uma pesquisa com os cotidianos leva-nos a perceber que as ações dos estudantes e da professora superam o discurso e tornam-se prática na escola.

A possibilidade de encontro com: a conversa; a risada; a surpresa; o susto; o incômodo; a alegria; os conhecimentos em redes; a aceitação e o acolhimento do estrangeiro; a sociabilidade que se transforma como elemento fundamental nas relações; a palavra que se faz pela confiança; do poder e das discriminações e o corpo como forma de conhecimento.

²⁴ Espetáculos produzidos e encenados pelo grupo de dança.

Assuntos que nunca se esgotam, mas sim permanecem e precisam ser evidenciadas e discutidas na escola.

Terminamos o texto dizendo: o grupo de dança é um espaço onde os conhecimentos em redes se tecem coletivamente através da solidariedade, do companheirismo e da colaboração. É um grupo que faz da sociabilidade o seu currículo escolar.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês B.; GARCIA, Alexandra (orgs.). *Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ANDRADE, Nívea. Por escolas perambulantes. In: ANDRADE, Nívea; ALVES, Nilda. (orgs.). *Sonhos de Escolas: conversas com Kurosawa*. Petrópolis: D P et Alii, 2014, v. 1, p. 298-313.

ANDRADE, Nívea. *Práticas escolares como táticas criadoras: Os praticantes nas tessituras de currículos*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

CANSI, Patrícia G. T. É escola ou espetáculo? Um grupo de dança que faz da sociabilidade o seu currículo escolar. Dissertação (Mestrado em

Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*, vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2014.

COUTINHO, Eduardo. Entrevista. In: BRAGANÇA, Felipe (org.). *Eduardo Coutinho*. Rio Janeiro: Azougue, 2008.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. São Paulo: EdUSP, 2015.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com os cotidianos. In: GARCIA, R. L. (org.). *Método; métodos; contra métodos*. São Paulo: Cortez, 2003.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TAVARES, Bráulio. *O flautista misterioso e os ratos de Hamelin*. São Paulo: Editora 34, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Educação-Diversidade-Igualdade: num tempo de encanto pelas diferenças. *Revista Fórum Identidades*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 13, 2008.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros e educação infantil: uma contribuição afro-brasileira. In: BRANDÃO, A. P.; TRINDADE, A. L. (org.). *Caderno de atividades saberes e fazeres*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

ZARDON, Paola. Corpo: Conceituações e exemplificações com Spinoza. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade. *Performance e Educação*. (des) territorializações pedagógicas. Santa Maria: Ed. da UFMS, 2013.